



# A crise hídrica e os pequenos negócios

Por Ana Cláudia Arruda

É auspicioso registrar que, embora tendo ainda muito o que fazer, o semiárido nordestino hoje apresenta melhores condições de vida do que no passado recente. As populações vêm obtendo melhores padrões de atividade e convivência produtiva em função de uma série de transformações que apontam caminhos alternativos de enfrentamento deste histórico e difícil problema, com destaque para os seguintes fatores positivos: o crescimento das economias urbanas e do índice de urbanização; bolsa família, a aposentadoria do trabalhador rural e do idoso sem meio de subsistência provenientes da Constituição de 1988; os aumentos reais de salário mínimo; a difusão do crédito, inclusive consignado; a construção de grandes projetos de infraestrutura; o estímulo à produção de energias alternativas; a expansão do ensino fundamental, médio e superior (público e privado) e escolas técnicas profissionalizantes, entre outras medidas transformadoras.

A urbanização ocorrida em grande parte das cidades do semiárido do Nordeste vem atraindo uma série de atividades produtivas antes existentes apenas em grandes centros urbanos, a exemplo dos serviços públicos municipais, shoppings centers, restaurantes, serviços médicos especializados, entre outras atividades.

Pesquisa recente e inédita desenvolvida pelo SEBRAE em parceria com a FIPE/USP procurando analisar os efeitos da “crise hídrica” que assola grande parte das regiões do país confirma a hipótese acima apresentada de que há, no Brasil, e sobretudo no semiárido nordestino, melhores condições de vida e de convivência produtiva com a seca. Diferentemente do que se esperava, a

crise hídrica não atingiu os pequenos negócios em proporções desastrosas e insuperáveis. Segundo a média nacional, apenas 10% das empresas afirmam ter tido algum problema de água em 2015. A região Nordeste, como esperado, é a que apresenta a maior proporção de empresas atingidas (17%), seguida pelo Sudeste (11%), Centro-Oeste (6%), Norte (6%) e Sul (5%). Na região Nordeste, os estados mais afetados foram: PB (26%), PE (26%), AL (19%), BA (17%), RN (14%), CE (14%) e MA (13%), conforme se pode observar no quadro a seguir: Brasil - Microempresas atingidas por UF

O estudo foi desenvolvido no primeiro semestre de 2015. As entrevistas ocorreram entre 6 e 30 de abril de 2015. Participaram desta pesquisa inédita 5.378 empresas. A pesquisa de sondagem sobre a crise hídrica faz parte de tema incluído no mês de maio de 2015 no ICPN- Índice de Confiança dos Pequenos Negócios, pesquisa mensal desenvolvida pelo SEBRAE com a FIPE/USP. A pesquisa abrange amostra de 5,6 mil empreendimentos de todos os setores – Indústria, Comércio, Serviços e Construção Civil, entre microempreendedores individuais, microempresas (que faturam entre R\$ 60 mil e R\$ 360 mil por ano) e negócios de pequeno porte (com faturamento bruto anual entre R\$ 360 mil e R\$ 3,6 milhões).

		Sim	Não	Total	Ranking Nacional	Respondentes
Nordeste	PB	26%	74%	100%	1º	162
	PE	26%	74%	100%	2º	165
	AL	19%	81%	100%	3º	175
	BA	17%	83%	100%	4º	182
	RN	14%	86%	100%	5º	216
	CE	14%	86%	100%	6º	162
	MA	13%	87%	100%	7º	181
	SE	10%	90%	100%	13º	225
Sudeste	PI	7%	93%	100%	16º	205
	SP	12%	88%	100%	8º	399
	RJ	10%	90%	100%	11º	210
	ES	10%	90%	100%	12º	174
Centro-Oeste	MG	8%	92%	100%	15º	173
	DF	11%	89%	100%	10º	166
	GO	7%	93%	100%	18º	162
	MT	4%	96%	100%	24º	199
	MS	2%	98%	100%	27º	193
Norte	AP	12%	88%	100%	9º	198
	AM	9%	91%	100%	14º	182
	RR	7%	93%	100%	17º	192
	PA	6%	94%	100%	19º	218
	AC	4%	96%	100%	23º	175
	TO	4%	96%	100%	25º	213
	RO	3%	97%	100%	26º	223
Sul	SC	5%	95%	100%	20º	206
	RS	5%	95%	100%	21º	215
	PR	5%	95%	100%	22º	207
TOTAL BRASIL		10%	90%	100%		5.378

Foto: Sebrae

Quando se analisa o porte das empresas atingidas observa-se que as mais afetadas foram: os MEIs (13%), seguidas pelas EPPs (9%) e pelas MEs (8%). Uma das razões dos MEIs terem sido o setor mais afetado é o

fato de que grande parte desses empreendimentos estão localizados nos domicílios, o que os torna fortemente dependentes do insumo água. Quando perguntadas sobre o prejuízo com

relação ao abastecimento de água, 90% afirmaram não terem sido atingidas. Do ponto de vista setorial, a atividade mais afetada apontada na pesquisa foi a construção civil (12%), seguida pelo setor de serviços (11%), comércio (10%) e indústria (8%), conforme gráfico a seguir:



Foto: Sebrae

Na construção civil, o fato de ter como característica o deslocamento das atividades a cada canteiro de obras, leva, necessariamente, a um maior grau dependência em relação aos demais setores econômicos.

No caso do estado de Pernambuco, nos anos de 2011, 2012 e 2013, o semiárido enfrentou uma das maiores secas dos últimos 50 anos. No ano de 2012, ocorreu a redução de até 80% das chuvas em relação à média. Em 2013, a maior parte do semiárido teve redução de até 60% nas precipitações e, em 2014, metade do estado de Pernambuco teve redução de chuvas em até 60% da média histórica. Em 1999, boa parte da cidade do Recife chegou a ter água nas torneiras apenas um dia a cada dez.

A barragem de Pirapama, na RMR, melhorou muito as condições de abastecimento do Recife e da RMR. Como 50% dos pequenos negócios encontram-se na RMR, região esta abastecida pela referida barragem, os resultados da pesquisa, até certo ponto, refletem o resultado desses projetos de infraestrutura hídrica implantados mais recentemente.

No Agreste, entretanto, de acordo com especialistas, o problema continua e a principal solução virá do Rio São Francisco, através da adutora do agreste, em fase ainda inicial de implantação, que abastecerá cerca de 56 municípios dessa região.

Por fim, o que se observa é o fato de que embora a pesquisa do SEBRAE-FIPE afirme que 74% dos pequenos negócios do estado de Pernambuco não foram atingidos, impõe-se registrar que regiões de alta densidade empresarial de pequenos negócios, a exemplo do polo de confecções do agreste pernambucano, embora sejam resistentes à ausência do insumo água, já começam a apresentar os primeiros resultados negativos na produção e vendas de produtos têxteis.

Comentários para a imprensa sobre este Boletim podem ser feito pelos telefones:  
Ana Cláudia Arruda, gestora do Observatório Sebrae/PE  
Telefones 81-2101 8463 e 81-999632595.



www.pe.sebrae.com.br  
0800 5700800

Presidente  
Josias Silva de Albuquerque  
Diretor superintendente  
José Oswaldo de Barros Lima Ramos  
Diretora técnica  
Ana Cláudia Dias Rocha  
Diretora administrativo financeira  
Adriana Corte Real Kruppa

Comitê de Editoração Sebrae Pernambuco  
Eduardo Jorge de Carvalho Maciel  
Janete Evangelista Lopes  
Fábio Lucas Pimentel de Oliveira  
Angela Miki Saito  
Carla Andréa Almeida  
Jussara Siqueira Leite  
Roberta de Melo Aguiar Correia  
Unidade de Apoio Estratégias e Diretrizes  
Jussara Leite - Gerente

Unidade de Marketing e Comunicação  
Eduardo Maciel - Gerente  
Texto  
Ana Cláudia Arruda  
Edição  
Janete Lopes  
Fotografias  
Stock photos royalt free  
Projeto gráfico original  
Z. diZain Comunicação